Dez teses sobre marxismo e descolonização

Por **VIJAY PRASHAD***

É hora de a esquerda recuperar e voltar à sua tradição

Em 1959, uma das líderes revolucionárias de Cuba, Haydée Santamaria, que completa cem anos este ano, chegou a um centro cultural no coração de Havana, Cuba. Esse edifício, decidiram os revolucionários, estaria comprometido com a promoção da arte e da cultura latino-americana e acabaria se tornando um farol para a transformação progressiva do mundo cultural do hemisfério. Renomeada *Casa de Las Américas*, a casa das Américas, se tornaria o coração dos desenvolvimentos culturais do Chile ao México. A arte satura as paredes da casa e em um prédio adjacente está o enorme arquivo de correspondências e rascunhos dos mais importantes escritores do século passado. O atual diretor, Abel Prieto, é romancista, crítico cultural e ex-ministro da Cultura. Seu mandato é estimular a discussão e o debate no país.

Nos últimos anos, a inteligência cubana foi envolvida no debate sobre descolonização e cultura. O processo revolucionário cubano desde 1959 estabeleceu – a um alto custo – a soberania política da ilha e lutou contra séculos de pobreza para consolidar sua soberania econômica. Desde 1959, sob a liderança das forças revolucionárias, Cuba tenta gerar um processo cultural que permite aos onze milhões de habitantes da ilha romperem com a asfixia cultural que é o legado do imperialismo espanhol e norte-americano. Cuba, seis décadas depois de 1959, é capaz de dizer que é soberana em termos culturais? O equilíbrio sugere que a resposta é complexa, já que o ataque da produção cultural e intelectual americana continua a atingir a ilha como seus furacões anuais de verão.

Para isso, a Casa vem realizando uma série de encontros sobre o tema da descolonização. Fui convidado a participar desse processo dando uma palestra na Casa no final de junho sobre o tema marxismo e descolonização. A palestra foi apresentada em dez teses, que podem ser encontradas abaixo:

1.

Dentro da década de debilidade após o colapso da URSS, a década de 1990, quando a globalização e o imperialismo dos EUA trovejaram com a certeza de que a história tinha acabado, nossas próprias tradições de esquerda experimentaram dúvidas e não fizeram avançar nossas clarezas em todo o mundo. A punição infligida à esquerda pela rendição da última liderança soviética foi dura e levou não só ao fechamento de muitos partidos de esquerda, mas enfraqueceu a confiança que milhões de pessoas tinham no pensamento marxista.

2.

Neste período, o presidente cubano Fidel Castro convocou seus colegas cubanos e outros a se envolverem em uma "batalha de ideias", uma frase emprestada de *A ideologia alemã* de Marx e Engels. O que Castro quis dizer com essa frase é que as pessoas de esquerda não devem se acovardar diante da maré crescente da ideologia neoliberal, mas devem comprometer-se confiantemente com o fato de que o neoliberalismo é incapaz de resolver os dilemas básicos da

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

humanidade. Por exemplo, o neoliberalismo não tem resposta para o fato irrefutável da fome; 7,9 bilhões de pessoas vivem em um planeta com comida suficiente para 15 bilhões e ainda assim cerca de 3 bilhões de pessoas lutam para comer, um fato irrefutável que só pode ser abordado pelo socialismo e não pela indústria da caridade. Enquanto Castro colocava a "batalha de ideias" sobre a mesa, a esquerda enfrentou duas tendências que continuam a criar problemas para a clareza revolucionária.

Pós-marxismo. A ideia de que o marxismo estava muito focado em "grandes narrativas" (como a importância de transcender o capitalismo para o socialismo) e que a política fragmentária da variedade de ONGs era mais viável. Este argumento para ir além de Marx foi realmente, como apontou Aijaz Ahmad, um argumento para voltar ao período pré-Marx, por negligenciar os fatos do materialismo histórico e a possibilidade de ziguezague de construir o socialismo como a negação histórica da brutalidade e da decadência capitalistas. O pós-marxismo foi um retorno ao idealismo e ao perfeccionismo.

Pós-colonialismo. Setores da esquerda começaram a argumentar que o impacto do colonialismo era tão grande que nenhuma transformação seria possível e que a única resposta ao colonialismo era um retorno ao passado. Trataram o passado, como argumentou o marxista José Carlos Mariátegui, como destino e não como recurso. O afro-pessimismo sugeriu uma paisagem desolada sem possibilidade de mudança; o pensamento decolonial foi preso pelo pensamento europeu, retornando uma e outra vez à filosofia europeia. A necessidade de mudança foi suspensa.

3.

Nossa tradição de marxismo de libertação nacional parecia esmagada, incapaz de responder às dúvidas semeadas pelo pós-marxismo e pela teoria pós-colonial. E nossas tradições já não tinham o tipo de apoio institucional prestado em um período anterior em que movimentos revolucionários e governos estavam ajudando uns aos outros e quando até mesmo as instituições da ONU trabalhavam para promover algumas de nossas ideias. É revelador que o lema do Fórum Social Mundial tenha sido *outro mundo é possível*, não que o socialismo é necessário, mas simplesmente outro mundo, talvez mesmo o fascismo.

4.

É hora de recuperarmos e voltarmos à nossa tradição, que tem suas origens no marxismo-leninismo, mas é uma tradição marxista-leninista que foi expandida e aprofundada por José Carlos Mariátegui, por Ho Chi Minh, por Fidel Castro, pelo EMS Namboodiripad, e por centenas de milhões de outros membros da classe trabalhadora e camponesa que desenvolveram essa tradição em nossas lutas.

5.

Há dois aspectos nessa tradição: Pelas palavras "Libertação Nacional" temos o conceito-chave de "soberania". Da tradição do marxismo, temos o conceito-chave de "dignidade". A luta pela dignidade envolve uma luta contra a degradação do sistema salarial e contra as antigas hierarquias sociais que herdamos (mesmo em termos de raça, gênero, orientação sexual).

Nossa tradição, portanto, é uma tradição que luta pela soberania contra a dominação imperialista e que luta pela dignidade humana contra a miséria de nossas hierarquias sociais e o roubo capitalista da riqueza social.

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

6.

Frantz Fanon disse que o marxismo estava "ligeiramente tensionado" quando saiu do contexto europeu. Como o tensionamos? Há cinco elementos que são visíveis nos escritos de Lênin e da Internacional Comunista e depois expandidos por uma variedade de forças políticas:

O liberalismo não pode resolver os dilemas da humanidade, os fatos irrefutáveis da vida (fome, saúde precária). Transcender esses dilemas é estabelecer direitos humanos.

O colonialismo não permitiu o desenvolvimento das forças produtivas no mundo colonizado. A forma moderna de produção industrial cria riqueza social que pode ser socializada.

O projeto socialista nas colônias teve de lutar tanto contra o colonialismo (portanto, pela soberania) quanto contra o capitalismo e suas hierarquias sociais (portanto, pela dignidade).

Nas colônias, os camponeses e os trabalhadores agrícolas deveriam fazer parte das classes-chave.

A tradição do marxismo de libertação nacional sem limites venceu nas partes mais pobres do mundo: Rússia, Vietnã, China, Cuba. Os governos revolucionários foram encarregados da dupla tarefa de construir as forças produtivas e socializar os meios de produção.

7.

Tomemos o caso da Zâmbia. Cerca de 60% das crianças no cinturão de cobre não sabem ler. Essa é a região que produz grande parte do cobre do mundo, o que é essencial para a indústria eletrônica. Os pais das crianças trazem cobre para o mercado mundial, mas seus filhos não sabem ler. Mas ler para eles é um fato necessário. Eles querem ler. Nem o pós-marxismo nem o pós-colonialismo abordam o fato do analfabetismo e da obstinação das crianças e de seus pais. No entanto, a teoria da libertação nacional do marxismo, enraizada na soberania e na dignidade, aborda essas questões: exige o controle da Zâmbia sobre o cobre e maiores pagamentos de royalties (soberania), e exige que a classe trabalhadora da Zâmbia seja capaz de ganhar uma maior parte do valor excedente (dignidade).

8.

É importante notar que, nas condições do capitalismo, as estruturas do racismo e do patriarcado permanecem racionais. Por que é assim? Em *O capital*, Marx detalhou duas formas para a extração do valor excedente e insinuou uma terceira forma. As duas primeiras formas (valor excedente absoluto e valor relativo excedente) foram descritas e analisadas detalhadamente, apontando como o roubo de tempo ao longo da jornada de trabalho extrai valor excedente absoluto do trabalhador assalariado e como os ganhos de produtividade encurtam o tempo necessário para que os trabalhadores produzam seus salários e aumentem a quantidade de valor excedente produzido por eles (valor excedente relativo).

Uma terceira forma de extração é sugerida quando Marx escreve que, em algumas situações, os trabalhadores recebem menos do que seria justificado por qualquer entendimento civilizado dos salários nessa conjuntura histórica. Em *O capital*, Marx observou que os capitalistas tentam empurrar "o salário do trabalhador abaixo do valor de seu poder de trabalho", mas excluiu esta forma de sua análise com base na importância para sua análise de que o poder de trabalho deve ser comprado e vendido pelo valor total. Essa consideração, que chamamos de super-exploração, não é "imaterial" para nossa análise, pois é central para a discussão do imperialismo.

Mas como justificar a abolição dos salários e a recusa em permitir que os pagamentos de royalties para a extração de matérias-primas sejam aumentados? Por um argumento colonial de que em certas partes do mundo, as pessoas têm expectativas de vida mais baixas e, portanto, seu desenvolvimento social pode ser negligenciado. Este argumento colonial aplica-se igualmente ao roubo do salário das mulheres para o trabalho assistencial que não é remunerado ou que é muito mal pago com o argumento de que é "trabalho das mulheres".

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Um projeto socialista não está preso às estruturas do racismo e do patriarcado, pois não exige que essas estruturas aumentem a parcela do valor excedente do capitalista. No entanto, a existência dessas estruturas ao longo dos séculos, e aprofundada pelo sistema capitalista, criou hábitos difíceis de reverter simplesmente através da legislação. É por isso que uma luta política deve ser travada contra as estruturas do racismo e do patriarcado, e se deve dar importância tanto à luta cultural quanto à luta de classes.

9.

A globalização neoliberal derrotou o sentido da vida coletiva, aprofundou a desesperança da atomização por meio de dois processos conectados: primeiro, pelo enfraquecimento do movimento sindical e pelas possibilidades socialistas que vieram dentro da ação pública e da luta trabalhista enraizada no sindicalismo, e segundo, pela substituição da ideia de cidadão pela ideia de consumidor, a ideia de que o ser humano é principalmente um consumidor de bens e serviços, e que a subjetividade humana pode ser melhor apreciada através do desejo pelas coisas.

A ruptura da coletividade social e a ascensão do consumismo endurecem o desespero, que se transforma em vários tipos de recuo, dois exemplos são: (a) um recuo nas redes familiares que não suportam as pressões impostas a eles pela retirada dos serviços sociais, o aumento do trabalho de assistência familiar, as longas horas de deslocamento e trabalho; (b) Um movimento em direção a formas de toxicidade social que proporcionam oportunidades de vida coletiva – religiosa, xenófoba – mas que se organizam não para o avanço humano, mas para a redução da possibilidade social. Como podemos resgatar a vida coletiva? Devemos construir formas de ação pública enraizadas na melhoria das condições sociais e na alegria cultural que são essenciais como antídoto para essa desolação.

No calendário à esquerda, colocamos o Dia do Livro Vermelho em 21 de fevereiro, um dia para ir ao público e ler vários livros vermelhos; este ano, meio milhão de pessoas leem Red Books em Kerala sozinho. Imaginem dias de ação pública, enraizados em tradições de esquerda, todos os meses, toda semana, atraindo mais e mais milhões de pessoas para fazerem coisas juntas para resgatar a vida coletiva? Parte do resgate da vida coletiva foi vividamente exibida durante a pandemia, quando sindicatos e organizações de jovens, organizações de mulheres e sindicatos estudantis assumiram os domínios públicos em Kerala para construir pias para lavar as mãos, costurar máscaras, montar cozinhas públicas, entregar alimentos, realizar pesquisas casa a casa para que cada pessoa pudesse ser destacada por qualquer coisa que precisasse.

10.

O camarada Fidel falou da “batalha de ideias”. Junto com isso, precisamos pensar em uma “batalha de emoções”. Uma sociedade degradada sob o capitalismo produz uma vida social permeada de atomização e alienação, desolação e medo, raiva e ódio. O sabor das emoções passa por esses sentimentos, seu controle sobre a sociedade é quase absoluto. O sentido parece esvaziado, talvez como resultado de uma sociedade de espetáculos que já chegou ao fim. Contra a desolação, o medo e o ódio, devemos sugerir o sabor da alegria, da possibilidade e do futuro.

Precisamos recuperar nossa tradição de marxismo de libertação nacional, mas também elaborar a teoria de nossa tradição a partir do trabalho de nossos movimentos. Precisamos de mais atenção à teoria de Ho Chi Minh e à teoria de Fidel, e à teoria da EMS. Não só *o fizeram*, como também produziram teorias inovadoras. Isso precisa ser desenvolvido. Precisamos testar essas teorias em nossa própria realidade contemporânea, construindo nosso marxismo não só a partir dos clássicos, que são úteis, mas dos fatos do nosso presente. A “análise concreta das condições concretas” de Lênin requer especial atenção a fatos concretos, reais e históricos. Precisamos de uma avaliação mais objetiva de nossos tempos, uma interpretação mais próxima do real imperialismo que está impondo seu poder militar e político para evitar a necessidade de um mundo socialista.

A única descolonização real é o anti-imperialismo e o anti-capitalismo. Você não pode descolonizar sua mente a menos que você também descolonize as condições de produção social que reforçam a mentalidade colonial. O pós-marxismo ignora o fato da produção social, a necessidade de construir riqueza social que deve ser socializada. O afro-pessimismo sugere que

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

tal tarefa não pode ser realizada por causa do racismo permanente. O pensamento decolonial vai além do afro-pessimismo, mas não pode ir além do pós-marxismo, ao não perceber a necessidade de descolonizar as condições da produção social.

***Vijay Prashad** *é historiador e jornalista indiano. Diretor geral do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Autor, entre outros livros, de* Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos *(Expressão Popular).*

Tradução: **Artur Scavone**.

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.